

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



A GUERRA

VOLUME 30, 2009

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CÉSAR, UM DOS GRANDES GENERAIS ROMANOS. À CONVERSA COM ADRIAN GOLDSWORTHY⁽¹⁾

Adrian Goldsworthy, um dos especialistas de historia militar romana mais conhecido (e reconhecido) em todo o Mundo, é um investigador ainda jovem. Nasceu em 1969 e estudou no St. John's College, em Oxford, universidade onde se licenciou e onde também se doutoraria, em História Militar Antiga, corria o ano de 1994. Leccionou depois em diversas universidades britânicas, entre as quais a Universidade de Cardiff.

Publicou já diversos livros, de que destacaremos The Roman Army at War, 100 BC - AD 200 (a sua tese de doutoramento, editada pela Oxford University Press em 1996) e o volume sobre Roman Warfare integrado na famosa Cassell History of Warfare Series dirigida por John Keegan (2000), para além de dois estudos sobre as Guerras Púnicas: The Punic Wars e Cannae (ambos editados pela Cassell, em 2001). Dois outros importantes trabalhos seus foram recentemente traduzidos para português com a chancela de A Esfera dos Livros: Generais Romanos. Os homens que construíram o Império Romano (2007; ed. ingl. orig.: 2003) e César. A vida de um Colosso (2008; ed. ingl. orig.: 2006).

O sucesso das suas publicações permitiu a Adrian Goldsworthy abandonar a docência universitária para se dedicar a tempo inteiro à escrita. Solteiro, indica ¹

⁽¹⁾ Entrevista realizada em Lisboa, a 28 de Outubro de 2008, por João Gouveia Monteiro e Leonor Cruz Pontes, aproveitando a presença em Portugal de Adrian Goldsworthy, por ocasião do lançamento da tradução portuguesa de *Caesar. The life of a Colossus* pela editora A Esfera dos Livros.



como passatempos preferidos a prática do ténis e longos passeios a pé. E admite que o gosto pela história antiga lhe vem da infância,, alimentado pelo visionamento de filmes como Ben-Hur, com Charlton Heston, e pela inevitável leitura das histórias de R. Goscinny e A. Uderzo que narram a resistência de Astérix e dos seus companheiros à ocupação romana da Gália no tempo de Júlio César. Para além do conquistador das Gálias, cita Octávio Augusto, o primeiro imperador, como um dos maiores heróis da história da Roma antiga, confessando que não desdenharia a possibilidade de lhe dedicar também uma biografia. •

- **Revista de História das Ideias (R.H.I.): O público português acolheu com muito interesse a publicação de *Generais Romanos* (perto de 5.000 exemplares vendidos nos primeiros doze meses). Foi uma surpresa?**
- **Adrian Goldsworthy (A. G.):** Sim, foi uma surpresa muito agradável e muito gratificante. Para um escritor profissional não há nada melhor do que sentir que os leitores apreciaram o seu livro, ter a

prova de que foi capaz de ir ao encontro dos interesses de um vasto público, de partilhar com ele os seus conhecimentos, de uma forma diferente do ensino universitário mas também importante. E espero que esta empatia com os leitores portugueses se aprofunde agora com a publicação de *César. A vida de um colosso*. Em outros países, esta foi, de entre as minhas obras, de longe aquela que suscitou maior curiosidade.

Esse seu livro sobre César, concebeu-o desde o início como uma biografia ou pretendeu que ele fosse mais do que isso, uma viagem pelo mundo romano de meados do séc. I a.C.?

A.G.: Pretendi, desde o início, que fosse uma biografia, até porque fazia falta uma boa biografia moderna de César. Mas fiz questão que fosse um trabalho que equilibrasse a dimensão política e o aspecto militar. Os grandes protagonistas romanos tinham essa dupla dimensão, política e militar. No tempo da República, o tempo ainda de Júlio César, eram os cônsules que chefiavam os exércitos, mas em princípio faziam-no por apenas um ano, regressando depois à actividade senatorial. Não existia essa distinção, tão típica dos dias de hoje, entre vida política e vida militar.

Júlio César é um bom exemplo dessa ambivalência?

A.G.: Sem dúvida. César, entre 58 a.C. e 44 a.C., teve um empenhamento militar muito grande. Durante este período, só em dois anos César não participou em grandes combates ou campanhas, e na maioria deles combateu por diversas vezes. Um desses dois anos foi o do seu assassinato, em Março de 44 a.C., a poucos dias do início de uma série de campanhas planeadas contra os Dácios e os Partos. Portanto, o último terço da vida deste grande político foi muito marcado pela guerra.

R.H.I.: No seu novo livro em português, é então um político e um militar que vamos conhecer...

A.G.: Sim, mas para além disso quis que esta biografia apresentasse Júlio César de uma forma o mais real possível, quase como se fosse uma personagem do séc. XX (tanto quanto as limitações dos testemunhos o permitem, claro): quis que ele surgisse *flesh and blood*, para que as

peessoas conseguissem descortinar o verdadeiro homem por detrás do político, do ditador, do general.

R.H.L.: Quanto tempo de trabalho investiu na produção desta obra?

A.G.: Cerca de três anos.

R.H.L.: E que fontes utilizou para a construção da biografia de César?

A.G.: Fontes literárias suas contemporâneas, como os *Comentários* de César sobre a guerra na Gália [*De Bello Gallico*], discursos e cartas (p.ex. de Cícero para o seu irmão Quinto Túlio, que foi um dos generais de César) que são muito reveladoras do ambiente político geral e de como as campanhas de César eram avaliadas em Roma. Infelizmente, muito material (como diversas cartas trocadas entre o próprio César e Cícero) perdeu-se na voragem dos tempos. Temos ainda os posteriores relatos de Plutarco [c. 46-120 d.C.], de Suetónio [n. c. 69 d.C.] ou de Apiano [c. 95-170 d.C.], que contêm informações de fontes contemporâneas de César entretanto desaparecidas. No geral, apesar da frustração por tanto material perdido, temos razões para estar satisfeitos com os testemunhos de que dispomos, pois trata-se de um dos períodos mais bem conhecidos da história de Roma. Recorde-se que a reconstituição das campanhas de Alexandre Magno é feita sobretudo com base em relatos escritos 400 anos depois da sua morte, já sob o Império Romano, o que aliás deve ter influenciado a maneira como Alexandre é apresentado a comandar os seus exércitos!

R.H.I.: E as fontes não literárias, que presença têm no seu livro?

A.G.: Os dados de natureza arqueológica, como certos elementos topográficos ou a localização exacta dos campos de batalha, também me interessaram. Só que, sendo este livro uma biografia, e não um relato exaustivo das campanhas na Gália e da guerra civil de 49-45 a.C., não podia gastar páginas e páginas a discutir esses aspectos. Neste sentido, pode dizer-se que sobrou ainda matéria para um outro livro (meu ou de outro autor). De qualquer forma, os elementos (literários ou arqueológicos) credíveis de que dispomos para aferição permitem-nos concluir que, no geral, os detalhados *Comentários* de César sobre as suas campanhas militares são globalmente fidedignos. E nem poderia

ser de outro modo, pois isso seria imediatamente notado na época, p.ex. através das cartas que companheiros seus (como Quinto Túlio) escreviam para os respectivos familiares em Roma. Quando se quer fazer boa propaganda, é preciso que ela tenha uma dose substancial de verdade... César tinha pouco espaço para mentir.

R.H.I.: Ainda não nos explicou por que motivo escolheu César (e não outro grande comandante romano, como Cipião Africano, Cipião Emiliano ou Pompeu) para objecto da sua biografia...

A.G.: Por um lado, devido à natureza das fontes; elas permitem-nos entrever o homem por detrás do político habilidoso e do comandante genial. Por outro, porque a vida de César constitui realmente uma boa história - é mesmo uma grande aventura e pode ser lida como tal! Este era de facto um livro que eu há muito desejava escrever, mas sabia que precisava de tempo para o fazer convenientemente.

R.H.I.: Considera que César foi de facto um grande general, um dos melhores comandantes militares romanos de sempre?

A.G.: Sim, penso que foi. Claro que todos os chefes militares têm defeitos, e César não foge à regra. No entanto, ele foi eficaz em muitos combates e contra adversários com características muito diferentes, pois teve como opositores não só as pouco sofisticadas tribos da Gália, da Bretanha ou da Germânia, mas também as legiões romanas lideradas por Pompeu, considerado o maior general do seu tempo. Sofreu reveses e derrotas, mas conseguia sempre adaptar-se e, como diziam os próprios Romanos, no final César ganhava sempre. E esse é o melhor teste para um general. Aníbal, p.ex., foi um grande génio, mas acabou por ser derrotado. Sim, julgo que podemos ver Júlio César como um dos maiores generais da História.

R.H.I.: Ao escrever sobre César e sobre outros generais, ao tratar as grandes batalhas das Guerras Púnicas (como Canas, em 216 a.C., talvez a maior derrota militar da história de Roma, face a Aníbal Barca), sentiu-se mais no papel do *investigador universitário* ou do *divulgador*?

A.G.: O meu trabalho de escrita não dispensa uma investigação prévia. Simplesmente, não procuro o detalhe ou a erudição académica, não tenho tanto a preocupação universitária de ser original e de

provar todos os meus pontos de vista através de numerosas notas de pé de página. Escrevo para o grande público, tento comunicar de forma segura e bem fundamentada com os leitores, mas evitando o pormenor excessivo para este tipo de público. Pretendo que aqueles que me lêem percebam bem o contexto e os conteúdos das temáticas que analiso, mas não comunico com eles de modo tão formal. No fundo, a grande diferença do meu trabalho actual, relativamente àquilo que fiz na fase anterior da minha carreira, não está na realização de um longo trabalho prévio de investigação dos temas que escolho, pois isso mantém-se, mas sim numa apresentação muito mais simples dos respectivos resultados.

E este tipo de trabalho realiza-o?

A.G.: Sim, porque o dedicar-me exclusivamente à escrita me permite uma liberdade maior do que aquela que existe no meio académico, onde cada um se deve manter no seu campo restrito de investigação. O que não significa que não sinta a falta das aulas, do contacto directo com os alunos, da comunicação de viva voz...

R.H.L: Na sua opinião, depois de muitos anos centrando o seu estudo na história militar de Roma, quais são afinal os grandes segredos que explicam o extraordinário sucesso do exército romano?

A.G.: Bom, antes de mais aspectos tão óbvios quanto a organização, o treino intensivo e uma disciplina rigorosa. Por outro lado, o profissionalismo próprio de um exército permanente (situação rara no mundo antigo, no tempo de César) e uma enorme flexibilidade.

R.H.I.: Refere-se à capacidade dos Romanos para adoptar de forma eficaz armamento (espadas, escudos, punhais, couraças, lanças, etc.) de outros povos (como os Gauleses e outros povos celtas, os Iberos, os Gregos e diversas tribos orientais)?

A.G.: Sim, sem dúvida, e não só a capacidade de *copiar* esse equipamento, mas também de o *aperfeiçoar*, de o redesenhar (como sucedeu com a camisa de malha metálica proveniente dos armeiros gauleses, ou com a espada curta hispânica, o *gladius*). No entanto, falo também de flexibilidade *estratégica* e *táctica*: os Romanos não combatiam sempre da mesma maneira, sabiam adaptar-se às condições concretas do terreno e do adversário. Vejam como procedeu César durante os seus

combates na Gália: ele tanto enfrentou as tribos bárbaras em batalha campal como optou por ameaçar as suas cidades mais importantes, sentindo talvez que a captura de um centra político e religioso poderia precipitar a respectiva rendição. E durante a guerra civil utilizou outras soluções, adaptadas às circunstâncias, ao adversário e aos seus próprios recursos.

E que mais tornava os Romanos tão temíveis na guerra?

A.G.: Uma grande determinação, que passava de pais para filhos de forma bastante profissional, uma indisponibilidade absoluta para aceitar a derrota mesmo quando tudo parecia perdido (como, p.ex., após a batalha de Canas). E também uma atitude muitas vezes impiedosa para com os seus inimigos, sobretudo quando (veja-se o comportamento de César na Gália, ou a crucificação dos escravos na Via Apia em 70 a.C., a mando de Crasso) a decisão de massacrar o adversário se revelava como a mais vantajosa para a obtenção da vitória final.



R.H.I.: Concorda então com a ideia de que o exército romano foi o mais poderoso que jamais existiu à superfície da Terra?

A.G.: Sem dúvida que os Romanos, graças ao seu exército, conseguiram controlar um imenso território e durante muitos séculos, coisa que nenhum outro sistema militar conseguiu! Comparado com os exércitos das guerras mundiais do séc. XX, o exército romano era obviamente diminuto. Mas a população também era mais escassa. E durante cinco séculos, ou mais, ninguém revelou possuir um sistema militar mais poderoso do que o dos Romanos. É certo que eles não conseguiram vencer de forma definitiva todos os adversários (casos, p.ex., dos Partos ou dos Persas), mas mesmo quando sofreram derrotas às mãos destes povos nunca correram o risco de ter um exército parta ou persa às portas de Roma. Mesmo nos sécs. IV e V, quando o exército romano já não conservava o poder de outrora, ele continuava a ser poderoso, mais poderoso do que qualquer outro. Foram factores relacionados com os recursos económicos e com a vontade política - e não propriamente factores de índole militar - que diminuíram a sua capacidade de realização e de combate.

R.H.L.: Qual foi, para si, o período em que as legiões romanas se mostraram mais poderosas?

A.G.: Talvez na época de César e em parte devido a disporem de um grande comandante, em quem confiavam abertamente. Nesta época, as legiões aceitavam enfrentar desafios muito difíceis e venciam onde outras tinham fracassado. Isso tem muito que ver com a influência de um líder carismático. César sabia condicionar e manipular o estado de espírito dos seus homens mesmo nos momentos mais difíceis (p.ex., no contexto de amotinações de soldados de legiões importantes), de uma forma que só poderemos talvez comparar com Napoleão.

R.H.I.: Pensa que, do estudo desses sucessos e limitações militares, há alguns ensinamentos que possamos retirar com vista ao presente?

A.G.: Julgo que sim, apesar das enormes diferenças ao nível da tecnologia e das comunicações. A arte militar dos Romanos mostra claramente duas coisas. Primeiro, que para inimigos diferentes tem de haver soluções tácticas também diferentes. Segundo, que é preciso acautelar fortemente a parte política e diplomática, antes,

durante e depois da intervenção militar. Por exemplo, na Gália, Julio César fez questão de mergulhar nos assuntos tribais, soube trabalhar nas profundezas para prevenir as rebeliões e obter os melhores resultados (ou seja, uma paz duradoura). Foi aliás isso que, em 49 a.C., lhe permitiu iniciar a guerra civil contra Pompeu com o seu exército quase completo, sem correr o risco de grandes insurreições na retaguarda.

R.H.I.: Podemos deduzir que essas são lições que teriam sido úteis aos líderes americanos ao programar as suas intervenções militares no Iraque ou no Afeganistão?

A.G.: Claro que sim! É preciso conhecer a fundo os adversários, ter noção de quantos soldados são necessários para ocupar um território, antecipar o que vai acontecer depois das primeiras vitórias... A História, também aqui, é uma grande fonte de ensinamentos.

R.H.L.: Na sua opinião, quais são hoje as principais tendências da história militar antiga? Quais as grandes questões que continuam por resolver?

A.G.: Durante muito tempo, a história militar antiga (e até a história militar, de uma maneira geral) constituíram matérias verdadeiramente *unfashionable*... Actualmente, estão outra vez na moda, há um sentimento de redescoberta e uma vontade de aprofundar os vários temas. E desconcertante como eu ainda hoje descubro aspectos novos em materiais que já tinha estudado muitas vezes! No entanto, devemos reconhecer que, se se tem estudado muito a arte militar romana, tem-se também descurado o conhecimento da dos seus adversários. Ora, os Romanos não faziam a guerra sozinhos. Para compreendermos bem as suas campanhas, teremos de estudar as características marciais dos seus opositores. De outro modo, deixaremos que continue a escapar-nos 50 % da realidade...

R.H.L.: Acha que, como diversos autores modernos têm defendido, o desenvolvimento da Arqueologia (designadamente da Arqueologia aplicada aos campos de batalha) permitirá, num futuro próximo, modificar de forma significativa as nossas ideias acerca da arte

romana de fazer a guerra, ainda muito influenciadas pelas fontes literárias antigas?

A.G.: A Arqueologia tem, de facto, evoluído muito. O estudo dos campos de batalha conheceu importantes progressos nos últimos anos (p.ex., em Espanha). E isso tem vindo a estimular as pessoas a trabalhar mais nestas áreas. A verdade é que somos hoje capazes de reconhecer coisas que estavam à nossa vista há imenso tempo e que não tínhamos valorizado. Mas claro que há ainda muito por fazer e por saber, a começar por Alésia, palco do célebre combate de César contra Vercingetorige, em 52 a.C....

Muitos investigadores associam a sua obra, já significativa, às ideias de John Keegan, em especial à influência exercida pelo livro *The Face of Battle* (trad, port.: *O Rosto da Batalha*), publicado por este autor em 1976. Considera-se um continuador de Keegan?

A.G.: Esse livro de John Keegan teve uma influência muito grande na renovação da história militar. Ele permitiu uma humanização da nossa leitura dos acontecimentos, levando os investigadores a pensar que os soldados não são máquinas, mas sim seres humanos sujeitos a terríveis pressões e condicionalismos emocionais. De certa maneira, pode dizer-se que tentei aplicar os ensinamentos de Keegan à arte militar dos Romanos.

R.H.I.: Mantém um contacto regular com John Keegan?

A.G.: Só estive pessoalmente com ele por duas vezes, mas ele teve uma grande influência prática na minha carreira, uma vez que a inclusão do meu livro *Roman Warfare* na colecção *Cassell History of Warfare*, por ele dirigida, foi decisiva para a minha afirmação como divulgador de ciência. Keegan, pelo seu lado, também mantém um contacto regular com o grande público, enquanto comentador de assuntos militares ao serviço do jornal *Daily Telegraph*.

R.H.I.: A influência de Keegan fez-se também sentir junto de outros investigadores que se dedicam à história militar antiga, como Philip Sabin, que a partir de 1996 desenvolveu um modelo de reconstituição dos combates da infantaria pesada romana com uma forte componente de psicologia humana (ver, p.ex., *Journal of*

Roman Studies, 2000) ou Victor Davis Hanson, que em 1989 publicou uma obra, intitulada *The Western Way of War*, que tem suscitado bastante debate entre os especialistas. Acredita que existe um modelo ocidental de fazer a guerra que vem desde a Antiguidade, baseado na aniquilação do adversário em batalha campal?

A.G.: A proposta de Victor Davis Hanson é sugestiva e tem aspectos muito estimulantes. Mas creio que será ainda preciso conhecer melhor o que se passou (do ponto de vista militar) no Oriente, designadamente na China, para a podermos validar. Convém também ter presente, sobretudo quando se observa o comportamento dos generais do Baixo-Império, que os Romanos nem sempre optavam por decidir os seus combates por meio de batalhas campais. Quanto a Philip Sabin, deu-se uma coincidência muito interessante: acabámos por desenvolver modelos muito parecidos sem conhecimento do trabalho um do outro e a partir até de fontes distintas, incidindo sobre períodos cronológicos diferentes. Creio que isso reforçou mutuamente as nossas conclusões e permite acreditar que o estudo da arte militar romana



começa finalmente a aproximar-se do que já se sabe sobre a arte militar dos Gregos.

Urna última questão: quais são os seus planos para o futuro? Falou há pouco do Baixo-Império: podemos esperar por uma nova obra sua, finalmente dedicada a esse período cronológico tão importante (secs. III-V d.C.), visto que assinala o fim do mundo romano e prepara a transição para a Europa bárbara?

A.G.: Sim, em 2009 será publicado um novo livro meu, com o título *The Fall of the West*, que estudará todo o período compreendido entre os finais do séc. II e o reinado de Justiniano [o imperador bizantino entre 527-565]. Trata-se de urna obra muito marcada pelo estudo da guerra contra os Godos e onde se procura compreender por que razão o exército romano, contando com um tão grande número de soldados, se revelou tão pouco eficiente. Um dos capítulos será dedicado à célebre batalha de Adrianopla, ferida em 378 [derrota e morte do imperador Valente face a uma coligação de Godos]. A seguir, gostaria de dedicar um livro a Cleópatra e Marco Antonio, num registo mais biográfico mas com o devido enquadramento político e militar.

FIM